

5 Um caso em estudo

5.1.

O estudo de campo

Para a realização da pesquisa, estabeleceu-se contato com duas escolas: Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Escola A) e Aldeia Montessori (Escola B). A escolha destas escolas deu-se, por apresentarem uma valorização do material construído pelo professor, pela facilidade de acesso a escola e pelo interesse de ambas instituições na pesquisa. Cada uma apresenta uma linha pedagógica de ensino, resultando em métodos de ensino distintos e possibilitando uma variedade de materiais utilizados em sala de aula.

Foram realizadas observações do tipo participante, tendo por objetivo perceber características específicas sobre a construção e utilização do material didático.

Definimos *observação participante* como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no cenário cultura, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa (Minayo *et al*, 2007, p.70).

A atuação ocorreu como “participante observador” (Lüdke e André, 1986, p.28), o professor teve consciência do papel do pesquisador em sala de aula.

Utilizou-se o *diário de campo* para registrar os acontecimentos em sala de aula: em quais ocasiões construíram objetos de ensino-aprendizagem, como os utilizaram, a reação das crianças ao objeto, as reações do professor durante a utilização.

O principal instrumento de trabalho de observação é o chamado *diário de campo*, que nada mais é que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal da entrevistas em suas várias modalidades (Minayo *et al*, 2007, p.71).

O contexto onde ocorreu a produção e a utilização desses objetos de ensino-aprendizagem, as intenções do professor, a mensagem, o repertório do aluno e a forma como foi construído e se apresentou constituíram as variáveis independentes da pesquisa, “(...) ligada à causa e cujas variações influenciam os valores de uma outra variável” (Laville e Dionne, 1999, p.138). Nenhuma dessas variáveis sofreu manipulação.

A forma de construção do suporte foi a variável observada, já que esta se enquadra no “território dos meios e modos de produção das mensagens” (Santaella, 2001, p. 87), que é o campo onde se insere esta pesquisa.

Em ambas as escolas observou-se os materiais dispostos em sala de aula, que foram produzidos pelo professor ou por este junto com seus alunos.

Conjugada à observação participante, realizou-se entrevistas semi-estruturadas com os professores, para compreensão de seus objetivos ao construir um objeto de ensino-aprendizagem e porque alguns seriam produzidos com mais frequência em detrimento de outros.

5.1.1. Escola A

Iniciou-se a pesquisa no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ). Esta escola pública foi fundada em 1880, com foco na formação de professoras, o antigo normal, para ensino fundamental. Suas instalações se encontram à Rua Mariz e Barros, nº 273, Praça da Bandeira, desde 1930.

Oferece a educação infantil (creche e pré-escola), ensino fundamental (1º e 2º segmentos), ensino médio (formação geral, técnico em informática e técnico em gestão administrativa) e ensino superior (curso normal superior).

Nesta escola as três turmas de 1º ano do 1º segmento do turno da manhã foram observadas. Totalizando cinquenta e dois alunos. Os alunos estavam na faixa etária dos seis aos oito anos. Cada turma possui uma professora e em média três estagiárias, que colaboram com o trabalho do docente.

As visitas foram realizadas durante o horário de aula 7h30min às 12h. Cada turma recebeu uma visita uma vez na semana. Nas terças-feiras observava-se a turma da professora Beatriz, nas quintas-feiras a da professora Flavia e nas sextas-feiras a da professora Juliana, com algumas variações quando necessário. As

visitas iniciaram-se no final do mês de junho de 2007. Durante o período de férias, não houve visitação e com o retorno das aulas em agosto as visitas tiveram continuidade.

5.1.2. Escola B

Em março de 2008, iniciou-se a pesquisa na Aldeia Montessori. Uma escola particular fundada em 1978, que utiliza a pedagogia Montessori como guia para o ensino. A escola possui três unidades, duas no Méier (Casa Creche e Casa Escola) e outra em Jacarepaguá (Creche e Escola). Este estudo realizou-se na casa escola na Rua Dona Claudina, nº 316, Méier.

A escola trabalha com crianças desde quatro meses de idade até o 5º ano do ensino fundamental.

Na Aldeia observou-se uma turma da agrupada III (1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental). Apenas uma turma foi observada, pois os objetos utilizados nas salas da agrupada III são os mesmos, mudando apenas as imagens presentes neles. A turma era composta por vinte e três alunos, entre seis e oito anos. A turma visitada, possuía uma estagiária.

As visitas à turma da professora Fernanda ocorreram nas quintas e sextas-feiras da semana, durante o horário de aula entre 12h45min e 17h45min e encerram-se com o fim das atividades escolares no primeiro semestre.

5.1.3. O professor da Escola A

Cada professora apresentou uma didática de trabalho diferente. A professora Flavia, da Escola A, utiliza muitos cartazes. Para ela eles são essenciais para prender a atenção do aluno. Não acha que os livros didáticos consigam ser atraentes para as crianças nessa faixa etária.

A professora Beatriz, da Escola A, confecciona cartazes com menor frequência que a professora Flavia. Ela normalmente não os constrói sozinha, sempre o faz com o auxílio dos alunos. Também utiliza outros recursos, como revistas em quadrinhos, para dar suporte a aula.

A professora Juliana, das três professoras da Escola A, apresentou o método de maior disparidade. Ela se atém a utilizar folhas avulsas, ou seja, material fotocopiado que ela monta no computador ou manualmente. Utiliza páginas de palavras-cruzadas, de revistas em quadrinhos, imagens de uma marca ou objeto, etc. Com as folhas fotocopiadas passa exercícios a serem feitos em sala de aula ou em casa.

As salas de aula refletem as diferenças entre as professoras. Enquanto a sala da professora Flavia apresenta muitos materiais espalhados, a de Juliana possui um número muito menor, e a da professora Beatriz ficaria entre as duas.



Figura 26 – Sala de aula professora Flavia



Figura 27 – Sala de aula professora Beatriz



Figura 28 – Sala de aula professora Juliana

Com as imagens, é possível perceber a disparidade entre as salas de aula. A grande valorização dos mais variados objetos numa sala e a centralização do trabalho num único objeto na outra.

5.1.4.

O professor da Escola B

As professoras da Escola B trabalham com os mesmos objetos nas duas salas da agrupada III (duas turmas assistem à aula em cada sala, uma no turno da manhã e outra no turno da tarde).

Esse material é produzido pelas professoras juntamente com a orientadora pedagógica da escola. Há necessidade de que haja os mesmos objetos nas duas salas de aula para que os alunos das quatro turmas possam desenvolver as aptidões de forma equivalente, ainda que em momentos diferentes.

Alguns objetos, como o livro montessoriano feito por alunos, apresentará diferenças em relação ao das outras turmas, contudo a estrutura de desenvolvimento é a mesma.

O professor pode e deve sugerir a criação de novos objetos e recursos didáticos, mas este material não se apresentará exclusivamente em sua sala de aula, será produzido para as demais turmas também.

5.2.

O estudo do potencial comunicativo

Durante os meses de observação nas duas escolas, foram levantados e registrados os objetos produzidos e utilizados pelos professores.

Foram escolhidos cinco objetos a serem analisados através da Semiótica e Comunicação Visual, por sua presença constante em sala de aula: cartaz, folhas fotocopiadas, livro montessoriano, nomenclatura classificada e fichas.

5.2.1.

Cartaz

Os cartazes em sua maioria utilizam a chamada “letra de imprensa” em caixa alta (figura 29). São feitas manualmente, de forma livre (não há molde, decalque, etc.). Há uma tentativa em deixá-las o mais uniforme possível. Nos cartazes, percebe-se que não há uma preocupação com a diferenciação entre caixa alta e baixa. Os alunos também transcrevem informações para o cartaz (figura 30), utilizando sua letra, incluindo mais um elemento tipográfico diferente.

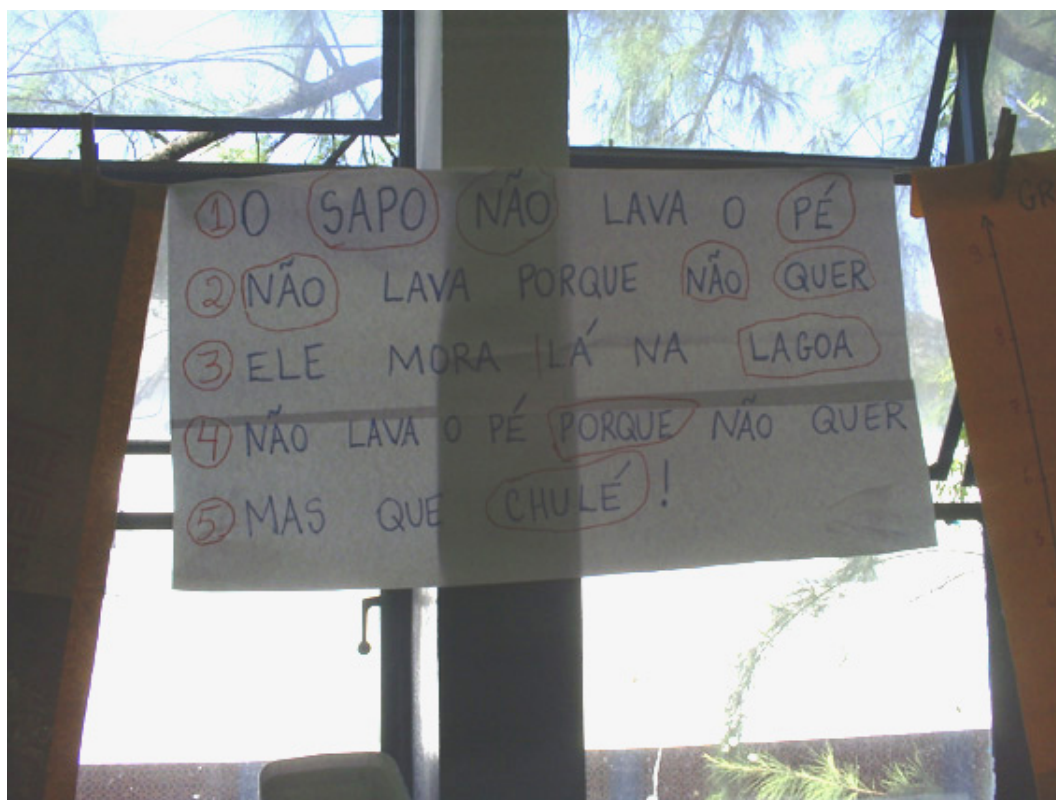


Figura 29 – Cartaz 1

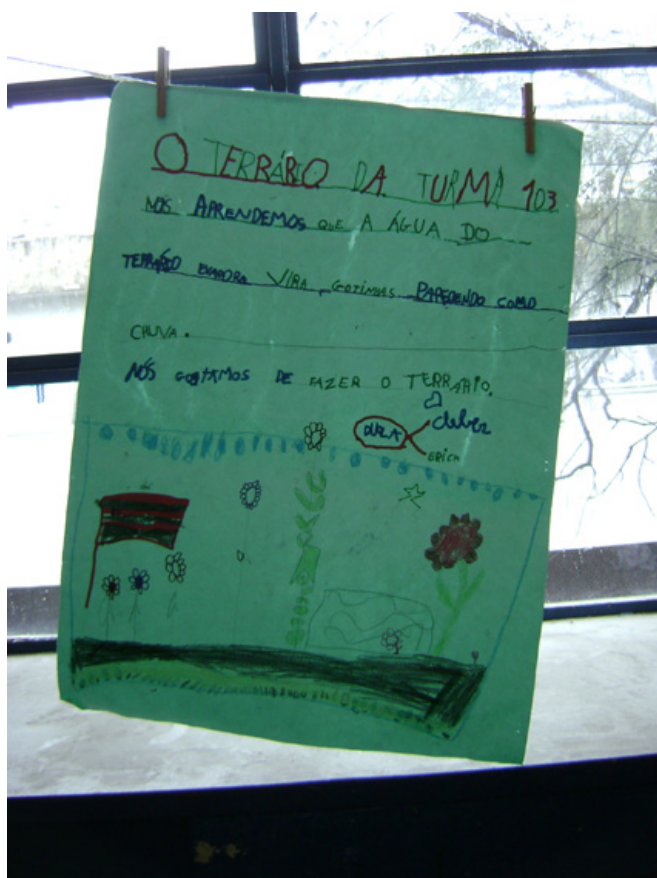


Figura 30 – Cartaz 2

ABECEDÁRIO DA XUXA

A DE AMOR
B DE BAIXINHO
C DE CORAÇÃO
D DE DOCINHO
E DE ESCOLA
F DE FEIÇÃO
G DE GENTE
H DE HUMANO
I DE IGUALDADE
J JUVENTUDE
L LIBERDADE
M MOLECAGEM
N NATUREZA
O OBRIGADO
P PROTEÇÃO
Q DE QUERO-QUERO
R DE RIACHO
S SAUDADE
T DE TERRA
U DE UNIVERSO
V DE VITÓRIA
X O QUE QUE É?
XUXA
Z ZUM, ZUM, ZUM, ZUM, ZUM

VAMOS BRINCAR
VAMOS PULAR
ALEGRIA PRA VALER
O ABECEDÁRIO DA XUXA
VAMOS APRENDER
CÉSAR COSTA FILHO E RAYSSA MONTEIRO DE SOUZA

ALUNOS DA TURMA

1 ALLYSON
2 ANA BEATRIZ
3 BEATRIZ AMORIM
4 BEATRIZ GOMES
5 BEATRIZ VIANNA
6 CELINE
7 CLEBER
8 ERICK
9 GABRIEL
10 GABRIELLE
11 HELLEN
12 LUIZ OTÁVIO
13 MAYNARA
14 RAQUEL
15 SAMUEL
16 THAIZA
17 VICTÓRIA GOMES
18 VICTÓRIA REZENDE
19 YAGO
20 YURI

PROFESSORA APARECIDA

Recortes de jornais e revistas são utilizados para exemplificar o tema abordado (figura 32). O corpo da tipografia jornalística apresentado num cartaz,

demonstra uma falta de cuidado no que tange à escala. Informações em tamanhos pequenos, num espaço grande, como o do cartaz, tendem a se perder. A informação não tem destaque.

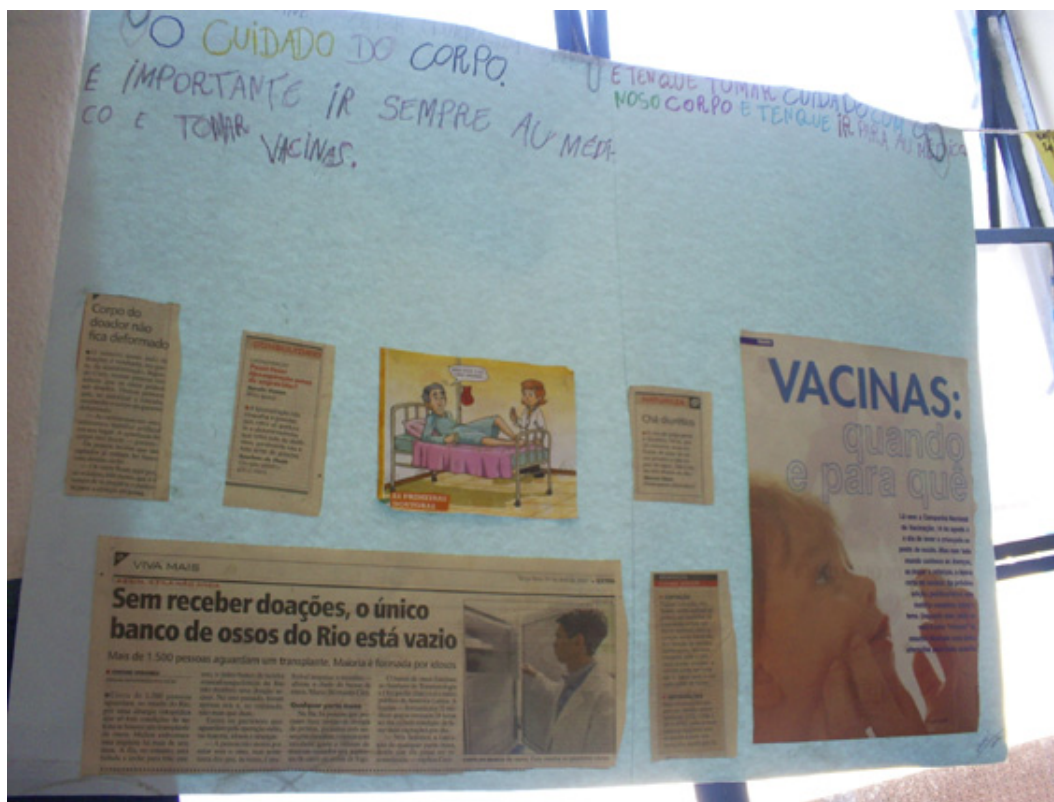


Figura 32 – Cartaz 4

No cartaz sobre higiene pessoal (figura 33), fica claro o descaso com a escala das imagens e sua disposição.



Figura 33 – Cartaz 5

Em todos os cartazes a cor está presente, seja nas representações pictóricas, na tipografia ou na própria matéria-prima. Entretanto, esta fica relegada a segundo plano. Ela não é utilizada como um elemento de destaque para uma informação ou classificação dos elementos presentes. A cor figura como um acessório e não com um propósito definido.

As matérias-prima mais utilizadas na confecção do suporte são papel pardo e a cartolina, sem maiores variações.

5.2.2. Folhas fotocopiadas

As folhas fotocopiadas apresentam tipografias diversas. Algumas são digitadas em computador, procurando manter a característica da letra de imprensa (figura 35). Também são apresentados textos em caixa alta e baixa, mas com tipografia sem serifa (figura 34). E outras folhas, apresentam a tipografia da própria professora (figura 36). Percebe-se a falta de cuidado com a forma da escrita.

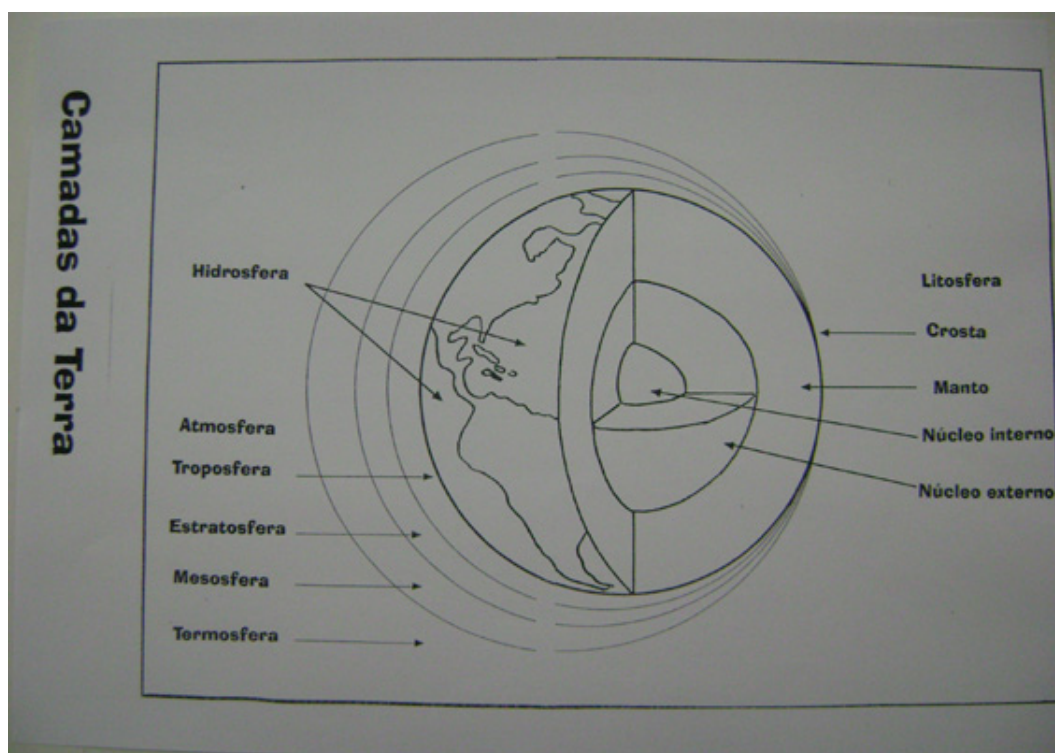


Figura 34 – Folha fotocopiada 1

CAP/ISERJ-ENSINO FUNDAMENTAL**NOME:** _____ **DATA:** _____

Desenhe nos quadros três amigos da turma e abaixo escreva seus nomes:

--	--	--

Agora desenhe nos quadros correspondentes o que você gosta de brincar com cada um e abaixo escreva o nome da brincadeira:

--	--	--

Figura 35 – Folha fotocopiada 2



Figura 36 – Folha fotocopiada 3

Por serem reproduzidas por fotocopiadora, não há escolha da matéria-prima a ser utilizada e as folhas não apresentam cor. Em muitos exercícios toma-se partido deste fator, para que o aluno utilize a cor como um elemento informativo, seja destacando regiões num mapa (figura 37), ou identificado objetos e animais

(figura 38). Nestes objetos de ensino-aprendizagem, as representações pictóricas e a cor apresentam uma relação de subordinação. Só há cor se houver uma imagem a ser colorida ou a necessidade do aluno ilustrar e pintar determinado assunto na folha.

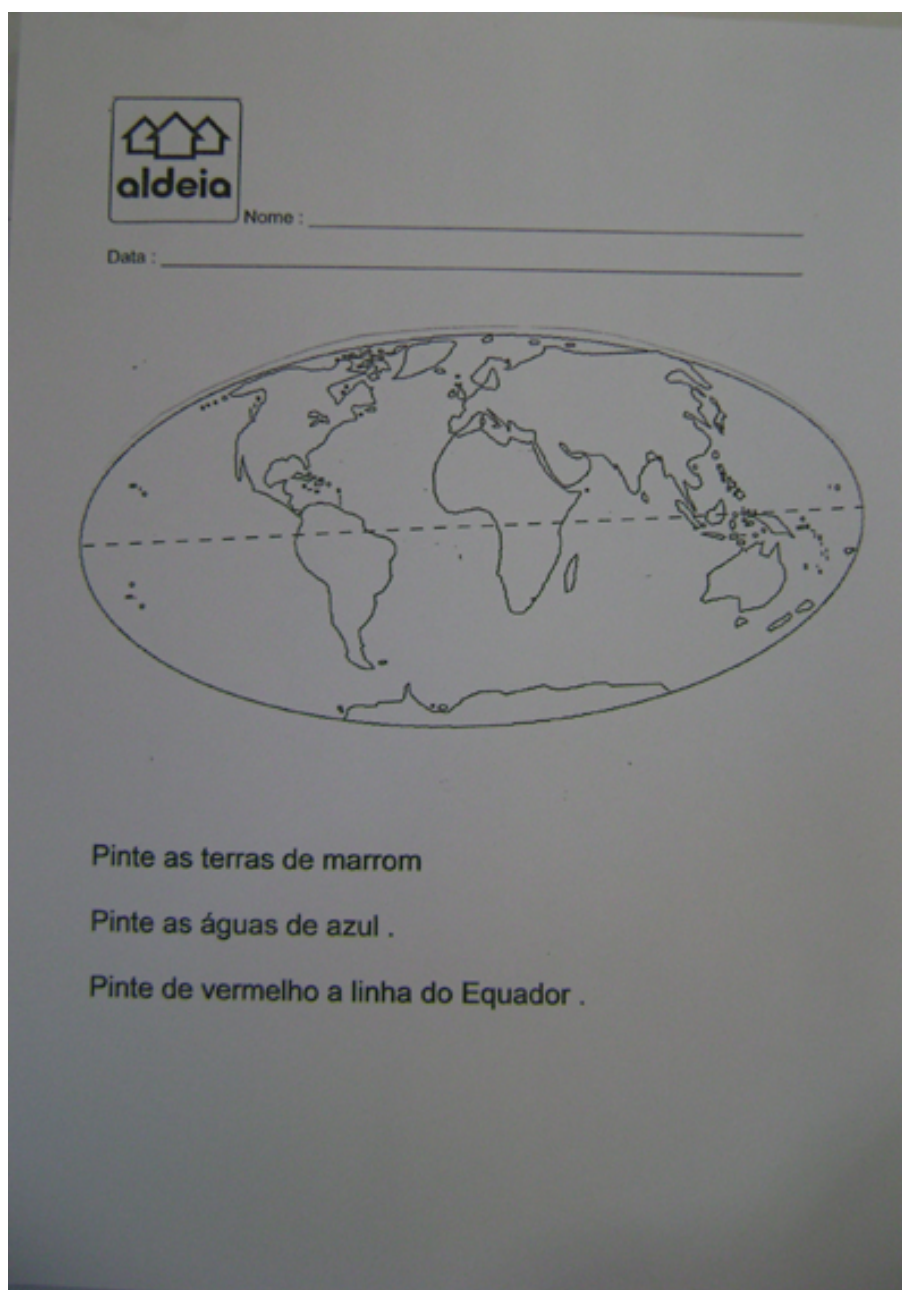


Figura 37 – Folha fotocopiada 4

CAP/ISERJ - ENSINO FUNDAMENTAL

ALUNO(A): _____ DATA: ____/____/____

1 Pinte os bichos que você encontrar na cena abaixo.
Depois escreva o nome deles.



Figura 38 – Folha fotocopiada 5

A tipografia e imagem são dispostas, tentando criar uma harmonia no material (figura 39). Há cuidado para que a letras não estejam muito pequenas e que as imagens apresentem um tamanho que proporcione a percepção de detalhes, ou seja, há uma preocupação com a escala.

CAP/ISERJ
 NOME: _____ DATA: ____/____/____

ASSUNTO: MATEMÁTICA
 SEQUÊNCIA NUMÉRICA
 ANTECESSOR E SUCESSOR

COMPLETE A TABELA COM OS NÚMEROS QUE ESTÃO FALTANDO.

		3		5
				10
16				20
			29	

COMPLETE COM O NUMERAL QUE VEM ANTES.

____ 10 ____ 2 ____ 16 ____ 29
 ____ 9 ____ 17 ____ 11 ____ 22

COMPLETE COM O NUMERAL QUE VEM DEPOIS.

8 ____ 19 ____ 18 ____
 5 ____ 29 ____ 15 ____

Figura 39 – Folha fotocopiada 6

Manchas pretas (figura 39) estão presentes em algumas das folhas fotocopiadas observadas. Aparentemente um controle rigoroso no que tange à reprodução do objeto, não é exercido pelos professores, dando margem ao aparecimento de ruídos.

5.2.3. Livro montessoriano

O livro montessoriano, nas versões impressas, apresenta tipografia de imprensa serifada (figura 40) ou tipografia cursiva (figura 41), que remeta à escrita da professora. É visível a preocupação com a forma do texto neste objeto. Nas versões manuais, quando o conteúdo do livro é manuscrito pelo aluno, a qualidade da escrita se perde.

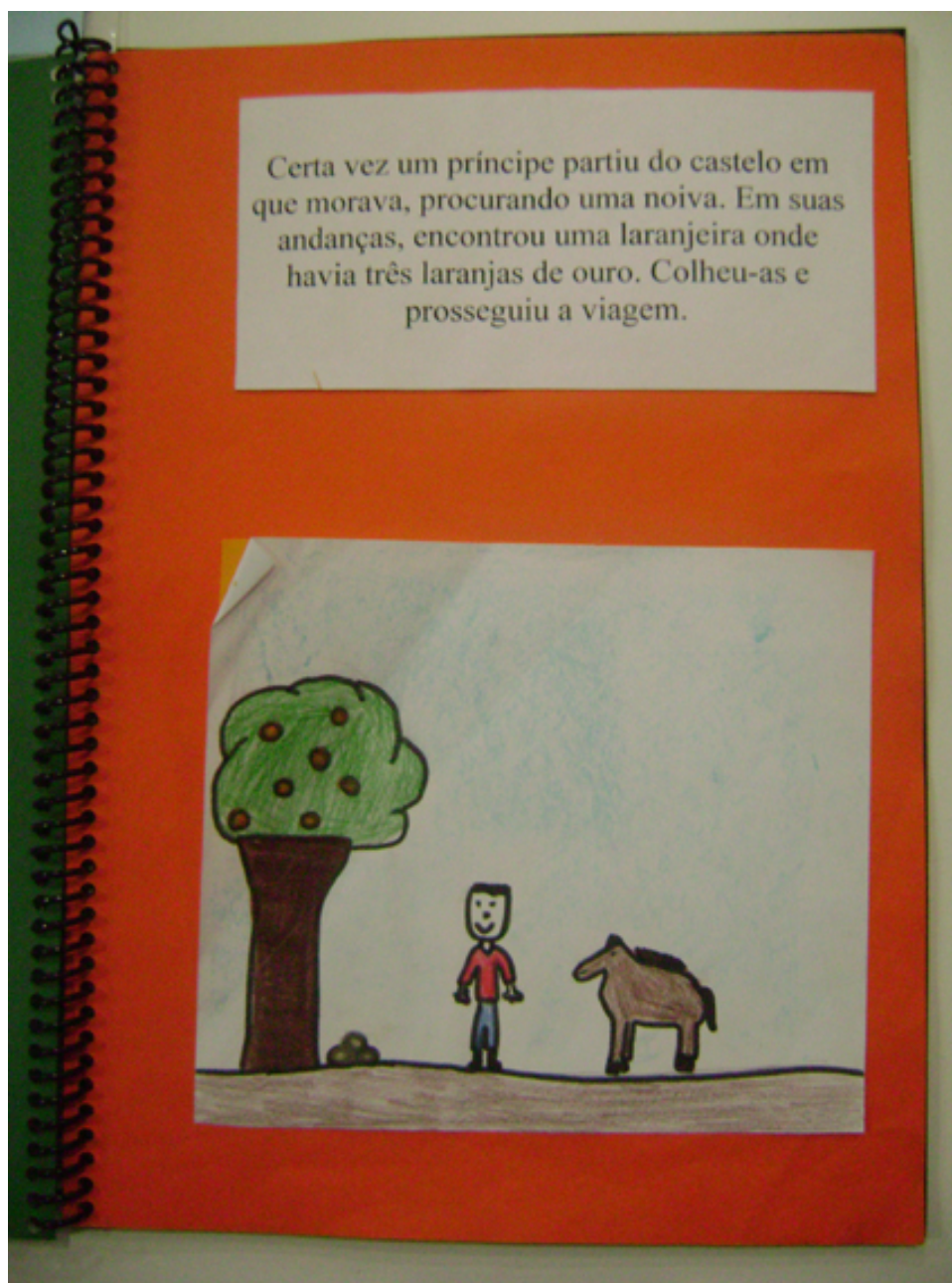


Figura 40 – Livro montessoriano 1



Figura 41 – Livro montessoriano 2

As representações pictóricas no livro variam entre ilustrações (figura 42) e imagens retiradas da internet (figura 43). As ilustrações apresentam relação com o conteúdo apresentado no texto, em oposição às ilustrações dos cartazes, que por vezes fogem do tema.

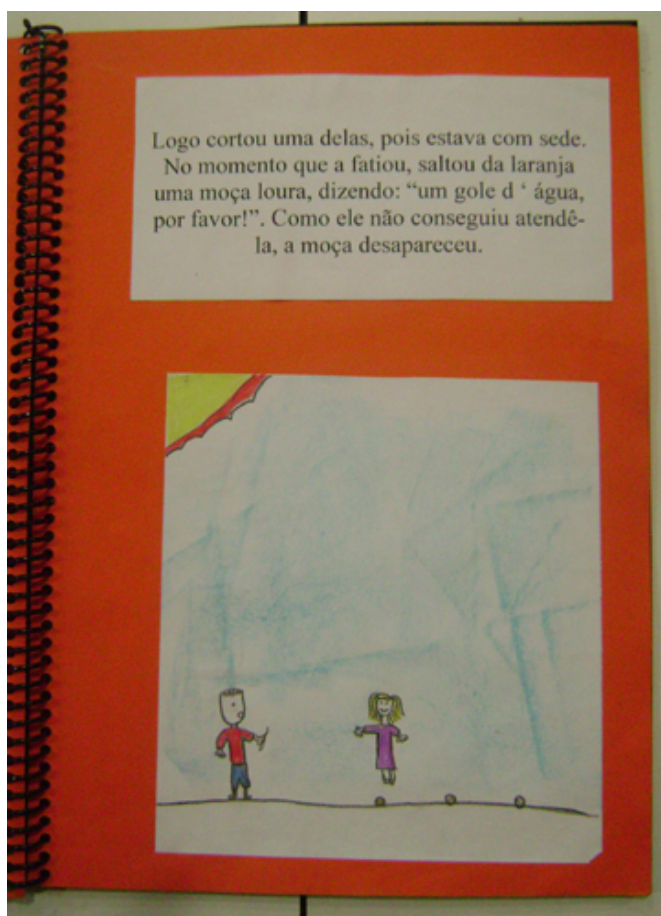


Figura 42 – Livro montessoriano 1



Figura 43 – Livro montessoriano 2

As imagens da internet são nítidas e demonstram de forma clara e objetiva o que o livro apresenta.

O texto e imagem são apresentados em escalas equivalentes, ocupando de forma proporcional o espaço da página.

A cor é um componente de muita importância. Todos os livros montessorianos possuem elementos de cor. Ela auxilia na percepção dos detalhes das imagens.

No tocante à impressão, há cuidado com o texto e imagem. São impressões bem definidas e não apresentam ruídos.

O livro montessoriano impresso tem como matéria prima a folha branca comum. Já o livro criado pelo aluno e professor utiliza a folha color set nas páginas.

5.2.4. Nomenclatura classificada e fichas

A nomenclatura classificada, em sua grande maioria, apresenta tipografia cursiva (figura 44). Em alguns casos, foi possível verificar que as etiquetas da mesma classe de nomenclatura apresentavam tipografia cursiva do computador e

manuscrita (figura 45). No caso das fichas aparece tipografia sem serifa (figura 46) ou manuscrita (figura 47). Percebe-se que no livro, há uma preocupação maior com a padronização da tipografia.



Figura 44 – Nomenclatura classificada 1



Figura 45 – Nomenclatura classificada 2

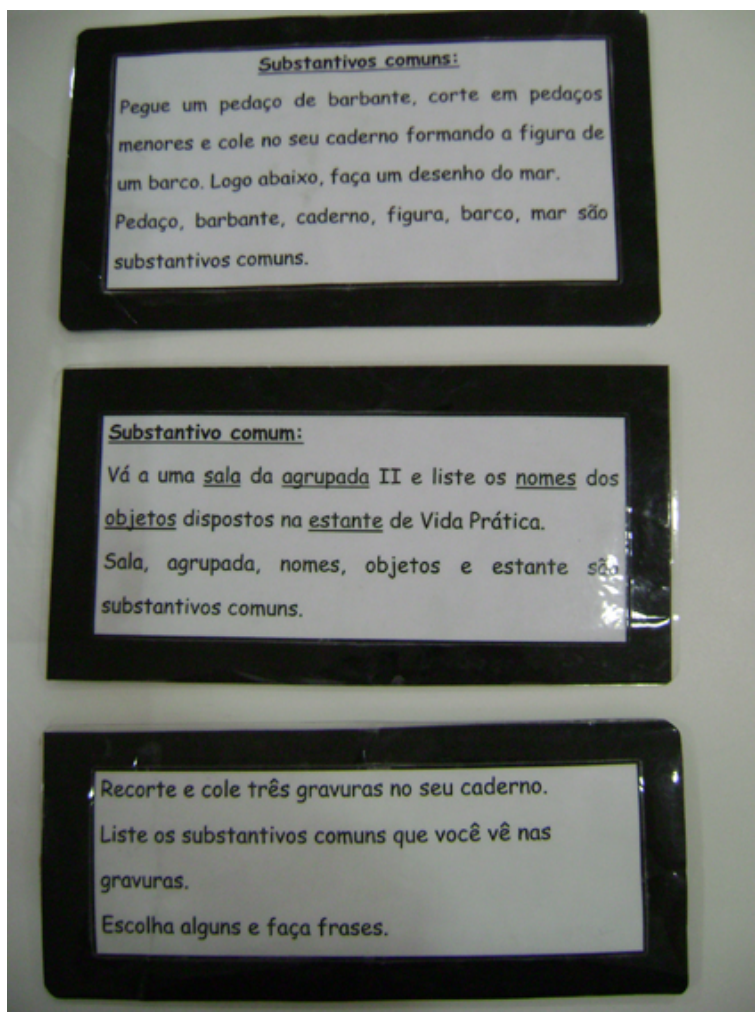


Figura 46 – Ficha 1

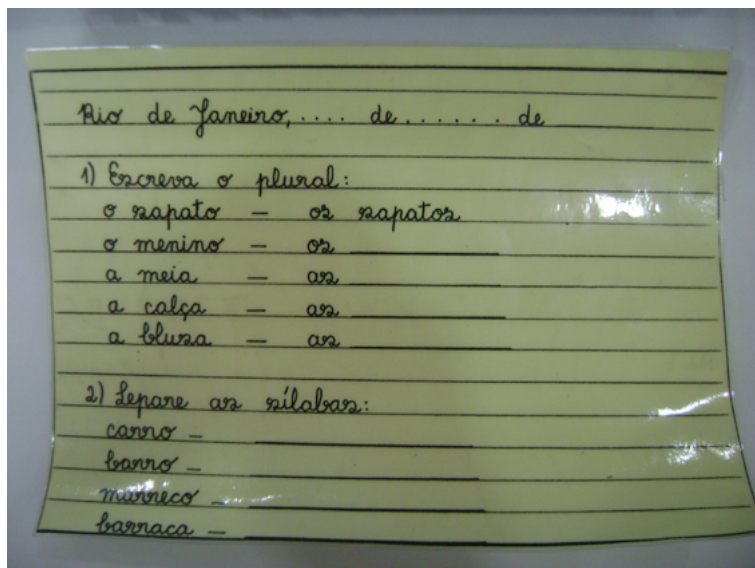


Figura 47 – Ficha 2

Já no que tange às imagens, nesses objetos, alguns problemas são observados. Como as etiquetas que compõem a nomenclatura classificada são

pequenas, utiliza-se de mesma proporção, o que dificulta a percepção do que é exposto. Alguns exemplos de objetos podem causar confusão no aluno, já que a imagem utilizada dá margem a percepção de outro objeto (figura 48).



Figura 48 – Nomenclatura classificada 3 – Tala ou meia?

Outro problema observado é que nem sempre estas imagens são claras e nítidas (figura 49). No caso apresentado na figura 50, ampliou-se por demais a imagem do pintinho, ficando “pixelado”. No primeiro contato com a imagem pode ser difícil entender o que está representado nela.

Os elementos escala, cor e impressão, assim como no livro montessoriano, são observados e valorizados nestes materiais. Não há ruídos por escalas desproporcionais e ou problemas com a impressão.

As fichas e etiquetas da nomenclatura classificada são confeccionadas com papel color set e depois plastificadas para que haja durabilidade do material.



Figura 49 – Etiqueta que compõe uma nomenclatura classificada



Figura 50 – Ficha

5.3. Como e por quê?

Com intuito de perceber como e porque ocorre a construção de objetos de ensino-aprendizagem foram realizadas duas entrevistas com as professoras que

fizeram parte deste estudo. As entrevistas foram gravadas (transcrições em anexo) e eram compostas pelas seguintes perguntas:

Entrevista 1

1. Nome
2. Onde se formou?
3. Por que escolheu esta profissão?
4. Há quanto tempo leciona? Todo o tempo na mesma escola?
5. Quando surgiu a necessidade de criar materiais de apoio em sala de aula?
6. Quais materiais você produz?
7. Existe algum tipo de restrições de aparatos tecnológicos? Teria algum material que você gostaria de utilizar ou fabricar, mas não tem acesso à aparelhagem específica ou matéria-prima?
8. Você prefere utilizar o material que você produz ou o livro didático? Por quê?
9. Em sua opinião é importante que o professor produza o material que utilizará? Por quê?

Entrevista 2

1. Qual objetivo de vocês quando constroem esses objetos?
2. Como esses objetos funcionam em sala de aula?
3. Qual a importância desses veículos no ensino?
4. Existe algum tipo de modelo de objeto que é seguido por vocês? Existe um padrão e vocês o seguem?
5. Muitos materiais apresentam imagens de objetos, animais, pessoas, etc. Elas são tiradas de revistas, da internet ou de livros? Qual a origem dessas imagens?
6. Há preocupação com o tamanho, com a nitidez da imagem utilizada?
7. Em relação tipografia (letras) utilizadas nos objetos, você acha que é a melhor para o material?
8. A maior parte dos objetos é permeado por algum elemento colorido, sejam as imagens, o papel usado como fundo, etc. Para você qual a importância da cor num objeto de ensino-aprendizagem?
9. Existe uma preocupação com o tipo de papel usado nos objetos?
10. É feita uma pesquisa sobre as matérias-primas utilizadas para a confecção dos materiais?
11. Vocês utilizam alguma teoria de comunicação visual para a criação dos objetos? Há um embasamento teórico?
12. Você acha que seria importante ou proveitoso ter um designer trabalhando na escola? Por quê?
13. A ação conjunta entre designer e professor para a produção dos materiais didáticos lhe parece importante? Você gostaria que ela ocorresse?

Para analisar as respostas obtidas utilizou-se como ferramenta a sociolinguística interacional que estuda “a relação entre língua e sociedade” (Tarallo, 1990, p. 6). Por meio dela é possível “tentar processar, analisar e

sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada” (Tarallo, 1990, p.5). Observa as variedades lingüísticas encontradas em um mesmo contexto.

Na sociolingüística interacional, entende-se que numa leitura interacional do mundo os sujeitos envolvidos na pesquisa são membros de uma determinada sociedade, uma cultura. Assim, eles perceberam o mundo através desses “óculos” (sociedade/cultura). O seu repertório, sua bagagem cultural, influem em sua leitura do mundo e essas características serão consideradas pelo pesquisador. (Farbiarz, J., 2007).

Com as respostas obtidas, foi possível criar as categorias demonstradas no quadro a seguir:

Entrevista 1		
Categoria	Professora	Resposta
Formação	Flavia	“Eu me formei, na Escola de Formação Carmela Dutra, né? Lá em Madureira”.
	Beatriz	“Inácio Azevedo do Amaral, no Jardim Botânico”.
	Juliana	“Eu fiz a formação para professor aqui (...) e fiz pedagogia na UERJ”.
	Fernanda	“Bem, em 85 eu me formei no Instituto de Educação no antigo curso normal”.
	Marina	“Na Estácio de Sá”
	Bruna	“Eu me formei no Colégio Estadual Julia Kubitschek, fiz normal. E fiz pedagogia na UERJ”.
Motivação para a profissão	Flavia	“Olha, é tenho aproximadamente quase trinta anos de trabalho. Então eu ainda sou daquela época em que o pai orientava, tipo assim, é melhor para a mulher, né? Fazer a formação de professores, ser professora, “tarará, tarará”.
	Beatriz	“Desde criança, que eu me entendo por gente, a minhas brincadeiras eram de escola e eu gosto me identifico muito com as crianças, né? Então desde pequena, desde criança que eu quero, essa profissão já tá na minha cabeça”.
	Juliana	“Eu nunca tive na cabeça outra profissão a não ser professora. Sempre gostei disso mesmo”.
	Fernanda	“Na verdade eu tenho uma história de família de professores. Muita gente na área de Educação. E aí quando eu entrei no ginásio, no antigo... na quinta série, eu já entrei no Instituto de Educação. E lá é uma escola de formação de professores. E dentro da escola, numa família de educadores, sempre achei que eu levava jeito”.
	Marina	“Professora? Olha, eu nunca trabalhei numa escola tradicional. Sempre trabalhei em escolas com outra metodologia e eu era muito nova quando eu comecei e aquilo me atraiu muito, porque eu sou formada também em Comunicação Social mas eu escolhi o magistério. Foi um coisa que... escolha minha mesmo”.
	Bruna	“Ah é meu sonho de infância, acho que não tem professor que fale outra coisa, né? Sempre cresci com esse sonho”.
Tempo de carreira, experiência	Flavia	“Não olha só, eu me formei em 77, aí assim que me formei, trabalhei quatro anos e meio em colégio particular, próximo da minha residência. Fazendo sempre os concursos, né? (...) eu passei para o concurso do estado, né? Aí trabalhei lá... passei primeiro para Duque de Caxias, fiquei quase cinco anos lá, na direção lá, na Rio - Petrópolis (né?) e depois que eu vim para cá (...)”.
	Beatriz	“Trinta anos. Trabalhei oito anos em Nova Iguaçu e vim pra cá em 86, estou aqui desde 86”.
	Juliana	“Vinte e dois anos. Eu trabalhei, logo que eu comecei a trabalhar, eu trabalhei, sete anos em duas escolas do Estado, lá em Niterói. Aí eu vim para cá em 1992”.

	Fernanda	“Então, eu me formei em 85. Em 86 fui trabalhar numa escola na Zona Sul, na Ladeira do Ascurra, lá em... perto de Laranjeiras, Cosme Velho. (...) Aí no ano seguinte eu fui chamada pra fazer estágio nessa escola, que é a Aldeia hoje. E dali de 88 até hoje eu trabalho aqui. Meu segundo emprego. Na Aldeia”.
	Marina	“Trinta anos. (eu: e o tempo todo foi na mesma escola?) Não, vinte anos na Aldeia. Vinte e um, vão fazer agora em setembro. E os outros nove foram em outras duas escolas, acabaram eu acho, não sei”.
	Bruna	“Há doze anos. (eu: e foi todo tempo aqui?) Não, não, aqui tô há três anos e os outros anos foi em escola tradicional”.
Motivação para criação do material	Flavia	“Olha só, eu sempre gostei de tentar (né?) fazer o melhor possível, a gente tem que estar explorando. Dependendo da situação, do tipo de criança (né?), o interesse fica maior, fica mais interessante e ajuda muito na compreensão do que você quer explorar, trabalhar o uso do material didático (né?).
	Beatriz	“Bom, eu desde quando comecei eu sempre quis uma coisa diferente, queria sempre uma coisa diferente, do que eu fui... da escola que eu tive. Minha escola foi daquelas escolas de repetição, você sabe como é que é. Eu nunca me identifiquei com essa escola. (...) Lá onde eu estava eu fazia material, cartazes, mas não era a mesma coisa que na nossa sala, lá era uma sala dividida com o ginásio e não poderia ter cartazes, não poderia ter muito material. Mas a gente tentava fazer, eu montei cartilha para as crianças, entendeu? Eu fazia, mas não era... quando eu cheguei aqui, já tinha uma liberdade, entendeu? Sempre gostei de fazer, coisas que as crianças produzam. (...) Eles estão ali praticando, estão dentro do contexto que está sendo trabalhado. Nunca fui de trazer pronto, muito pouca coisa eu trago pronta, eu sempre faço tudo com eles”.
	Juliana	“Olha, porque só o livro didático não dá conta mesmo. (...) O livro realmente não está de acordo com aquilo que eu gosto de trabalhar. Essas folhinhas vêm mesmo pra tá é assim, para a gente estar trabalhando aí com as crianças com o que eu gosto de fazer com eles. Com o meu ideal de alfabetização aí eu procuro através das folhinhas, porque o livro não dá conta não”.
	Fernanda	“Na verdade a gente tem escolas montessorianas que trabalham com livro didático, como nas escolas tradicionais. A diretora da gente, ela tenta ser fiel ao método. (...) A metodologia genuína não usa livro didático. O trabalho é em cima do concreto, a construção do conhecimento em cima do concreto”.
	Marina	“O material? O material não é que a gente observou, a gente nunca teve livro didático mesmo não. O material é da metodologia”.
	Bruna	“Não, não. Assim, é um exercício né. Como eu falei, que eu trabalhei em escola tradicional, muitos anos, então assim, ainda está sendo um exercício, pra eu me conter, e não ir atrás das folhas. Porque o método exige uma outra forma de você trabalhar, né?”
Objeto usados	Flavia	“Aí no caso, é... dependendo da série, não é isso? É a gente trabalha muito com a questão de organizar o alfabetário (né?), as letras móveis, que são as letrinhas que são recortadas que dá para formar nomes, frase (né?). A questão da matemática também é muito importante que a gente trabalhe com material de contagem, então dá para você fazer de encarte de jornal... O que você...é legal você pegar esse material e aproximar da realidade da criança, isso é muito legal (né?)”.
	Beatriz	“Faz cartaz, construímos brinquedos”
	Juliana	“As folhinhas mesmo”.
	Fernanda	“Existe uma linha em cada área de materiais, como se fosse um enxoval. Só que os tempos mudaram, as crianças precisam de fotos coloridas (né?), eles precisam de uma nova roupagem pra alguns materiais, então antigamente eles eram cartões brancos com uma figura. Hoje não. Hoje com computador, hoje com o apelo da luz do colorido, a gente pegou esses materiais pra criança de hoje, sem graça, e a gente deu uma nova cor, uma nova letra. E a gente monta. Porque a gente acha que ser montessoriano é ter bom senso. Se o trabalho faz com que a criança se desenvolva, sem queimar etapa, de acordo com sua faixa etária, a gente coloca que é montessoriano e a gente adéqua o material ao método”.

	Marina	“Linguagem, história, ciências, geografia também, quase tudo, matemática é que é um ou outro que a gente (eu: mais as fichas) As fichas, os problemas, é... tem mais uns dominozinhos que a gente fez, tem... é quase tudo feito pela gente”.
	Bruna	“Na verdade assim, esse ano como a gente entrou esse ano, tanto eu quanto a outra professora, quando nós entramos aqui a sala já tava montada, então todos os materiais que tão aqui na sala a gente não chegou a produzir, nada, a gente já chegou com a sala montada”.
Limitações para produção	Flavia	“É porque olha só a gente ainda tem muita dificuldade em relação a alguns materiais, tipo assim, material dourado. Na parte de matemática tem muita coisa que a gente precisava ter e a gente não consegue e quando tem é um só que é para a escola quase toda e nisso perde peça. Tem vários materiais em relação à matemática e em relação também a ciências que a gente não consegue”.
	Beatriz	“(…) Trabalho muito com a transparência também, o que atrapalha também é que às vezes quer trabalhar e não tem. Tem que pegar no CECAV ¹⁷ , nem sempre tá disponível. Aí você quer trabalhar uma coisa e não pode, porque não tá funcionando, então isso atrapalha realmente. Mas assim, questão de material, transparência, tem que pagar, tudo que a gente faz o custo é da gente, não é da escola. Tudo é a gente banca. Se quer fazer alguma coisa, que acha louvável, que quer fazer para as crianças, paga ou então não tem como fazer”.
	Juliana	“Eu gosto mesmo das folhinhas, mas se tivesse datashow seria muito melhor, não tenha dúvida. (...) Claro se tivesse datashow, até mesmo retroprojetor, seria interessante para eles. Seria uma maneira de tá incentivando, para que participassem mais da atividade. Mas eu gosto mesmo das folhinhas”.
	Fernanda	“Não, por exemplo. A gente tem muita dificuldade por que... fazer os materiais... por exemplo toda escola montessoriana tinha que ter um marceneiro, porque nossos materiais são de madeira, a maioria. As vezes a peça se quebra, somem e a gente fica sem. (...) O que é feito de papel, no computador a gente confecciona. Aí começou a comprar um computador melhor, a estudar um programa melhor, a comprar uma impressora melhor”.
	Marina	“Não, aqui a gente tem tudo. Tudo que a gente precisa. Tanto que a gente tem um computador por sala, né? Só a gente tem que solicitar, né?”
	Bruna	“Não, não tem, não tem. Acontece assim, por exemplo, se a gente comprar algum tipo de material que não seja compatível com a nossa realidade, a gente vai fazer uma adaptação. Eu acredito que não deixar de fazer, mas a gente vai ter que fazer certas adaptações”.
Livro didático x material didático	Flavia	“Ah não... com certeza o material que eu tento produzir. Muito melhor. Eu acho mais atrativo e mais de acordo com realidade deles. Porque você tem um livro, a gente tem que escolher, quase agora, de dois em dois anos, um livro que vem do MEC. Aí você pega, aí ele nunca totalmente de acordo com a realidade, a gente tem que aproximar. E aí se a gente tem nosso... o tipo de trabalho que a gente quer fazer é um pouco distanciado”.
	Beatriz	“Material. Não suporto livro didático. Não gosto, porque acho que é uma coisa muito limitada. Quer dizer, eu uso assim, como as crianças ganham o livro didático que pra cá do MEC eu não vou descartar a possibilidade de usar. Se tivesse que adotar, comprar, teria que ser um livro, muito, muito legal. Senão, como eles não têm esse estilo do tipo de trabalho que eu, prefiro não ter. Acho que a criança fica... não deixo de usar, sabe? Eu não deixo, só que é o mínimo que eu uso, uma vez ou outra, não sigo o livro, a sequência do livro, entendeu? Eu vou dando conforme vai aparecendo, eu não suporto, não gosto mesmo. Não gosto de ficar presa a nada. Acho que gosto mais de criar. Acho que eles aprendem muito mais quando, com uma reportagem de jornal, quando estão vendo alguma coisa que está acontecendo, observando, entendeu? Acho que tudo isso é válido”.
	Juliana	“(…) o livro mesmo só pra cumprir, pra não dizer que não tá usando. Mas se eu pudesse não usaria não. Esse livro no caso, que as crianças estão usando esse ano. É muito assim desligado, separado das coisas que a gente trabalha aqui”.

¹⁷ Centro de Comunicação Audiovisual

	Fernanda	“Com certeza o material. Por exemplo, um livro didático. A minha formação acadêmica foi em escola tradicional e com livro didático. Hoje eu entendo que o livro didático tem muita coisa boa, mas também tem muita coisa ruim. Então pra você utilizar um livro didático, a gente aqui até usa exercícios de alguns livros e dá pra criança, porque a gente acha muito interessante. (...) o quê que acontece, montessori dá a chance da gente não utilizar o que a gente considera ruim, porcaria, entendeu e a gente usa o que é bom. Mas o livro em si, não”.
	Marina	“Olha eu nunca trabalhei com livro didático então eu tenho uma coisa que eu nem sei como trabalhar com livro didático. Então a minha experiência é com material, já vinha da educação infantil, eu trabalhei da agrupada I até a agrupada III e a agrupada IV substituindo pessoas, né? Então eu acho que isso aqui o aprendizado fica mais, com o material o aprendizado fica mais consolidado, não fica uma coisa decorada”.
	Bruna	“Olha esse pergunta é difícil né? Porque assim, não é questão de preferência, é questão de costume eu acho, né? Porque, como eu falei né, ainda to num exercício pra me conter a não procurar os materiais didáticos porque foi minha realidade. Mas eu vejo que esse trabalho com o material, às vezes, o resultado é muito mais satisfatório do que se você for bater na tecla de um livro, né? Como é trabalhado num colégio tradicional”.
Importância da criação do material pelo próprio professor	Flavia	“Então, eu curto muito fazer o material, ali eu já vou matando, eu me ponho, tento me pôr no lugar da criança para ver o que eles vão perguntar entendeu? Na construção do próprio material didático, a gente já vai tentando organizar em relação ao conteúdo que a gente quer trabalhar, em cima do material. Construindo fica melhor”.
	Beatriz	“A gente está dentro do contexto, você tá trabalhando, surge um assunto na sala, que você não prevê, você vai ver, assim... não tá escrito, vou dar isso, isso e isso hoje. (...) Então aí, o quê que acontece, esses material vai ser produzido na hora. Eles vão ter o contexto, acho que as crianças vão ter mais contexto ali dentro, porque eles vão ser inseridos dentro daquilo que está sendo dado. Não vai ser uma coisa formal, de cima pra baixo, não vai ser imposto, não vai virar imposta. Então eu acho que eles valorizam até mais e eu também valorizo mais. (...) Fica dentro da realidade do que eles estão fazendo”.
	Juliana	“Eu sei a realidade das crianças; porque eu gosto de trabalhar. Eu até falei mesmo ontem para eles quando eu falei do livro, se eu pudesse fazer um livro eu faria muito diferente. Eu já começaria com outra realidade que no livro tem umas coisas assim, porque é um livro para o Brasil inteiro, a realidade daqui não é a mesma que do outro estado”.
	Fernanda	“Muito importante. (...) O método é muito interessante, mas eu entendo que nem todas... porque é que não existem tantas escolas montessorianas assim? Porque é um custo alto. Comprar esses materiais, a manutenção de uma escola montessoriana é muito cara. (...) Mas a gente tem escolas montessorianas no Peru, no Chile, na África, a gente tem muitos lugares que não têm dinheiro pra comprar esse material e aí as professoras confeccionam o material de sucata. Os tentos, que a gente usa pedaços de madeira, são feitos com gravetos, a gente usa chapinha, a gente pode usar muita coisa, que não vai deixar de ser montessoriano, porque vai continuar sendo um material de desenvolvimento. Então é importante, por exemplo, em alguns cursos que a gente faz, a gente tem que apresentar materiais criados por nós e reproduzidos de um outro, de um modelo, então é importante que a gente saiba fazer e precisa fazer. A aldeia tem muitos materiais criados por nós mesmos. Por exemplo, a didática de linguagem, a gente não pôde copiar muito nem da italiana, porque é um método genuinamente italiano, e depois ele foi espalhado pelo mundo inteiro e a gente fez um curso muito interessante e importante nos Estados Unidos. Mas quando chega na parte da língua portuguesa, fica diferente, é muito diferente, tanto da Itália, quanto na americana. E aí o que a gente fez? A gente adaptou todo o trabalho de linguagem com a nossa experiência e com as regras gramaticais. Então a gente organizou o trabalho em cima das nossas necessidades”.
	Marina	“A importância da gente tá nessa produção, é porquê quem tá na sala é a gente, quem sabe das necessidades dos nossos alunos somos nós, então acho que é importante”.

	Bruna	“Sim, eu acho que sim. Até, assim, a produção envolve você tá trabalhando, estudando o material, você tá vendo as possibilidades que o material te dá. Então assim, na hora que você ta envolvido em fazer, você ta trabalhando tudo que você vai né? Você tá planejando tudo aquilo você vai trabalhar, que você pode explorar”.
--	-------	---

Tabela 3 – Categorização das respostas obtidas na primeira entrevista

Para compreender os objetivos e o *modus faciendi* dos objetos, foi realizada uma segunda entrevista, também tabulada a partir da sociolinguística interacional:

Entrevista 2		
Categoria	Professora	Resposta
Objetivo do material	Flavia	“O objetivo seria a interpretação do conteúdo que eu quero dar (né?)”
	Beatriz	“Que as crianças utilizem aquele material, tá?”
	Juliana	“(…) É assim, melhorar mesmo o material, como eu já te falei da outra vez, o material que vem pra escola, não é assim adequado pra gente, pra nossas crianças, porque vem assim coisas que não são mesmo para o nível deles, a gente que já conhece a turma, já conhece a realidade. Aí a gente tenta através do nosso material produzir uma coisa mais adequada”.
	Fernanda	“(…) Eu acho que a primeira coisa, é porque o método, a metodologia montessoriana, ela é em cima de material concreto, então na verdade, quando a criança constrói o conhecimento dela, ela tendo um aparato, um objeto, vai auxiliar no entendimento ela”
	Marina	“O objetivo principal é o objetivo do material, né?”
	Bruna	“Não sei, não vejo assim um objetivo. Você tem algumas atenções que você tem que ter em cima desse material, por exemplo, o método montessoriano exige que tudo seja voltado pro belo, né?”
Receptividade de	Flavia	“Ah! Eles gostam sim, geralmente eles gostam do que tão trabalhando (eu: alcança o objetivo?) isso, com certeza!”
	Beatriz	“(…) Até na maneira deles fazerem, estão aprendendo coisas ali também, tá? Então eu acho que é bem útil, eles continuam depois utilizando esse material. Os jogos, na questão das brincadeiras também, eles continuam usando”.
	Juliana	“(…) Alcança os objetivos. Porque você acaba dando, assim por exemplo, folhinhas. Aí você dá aquela folhinha, já tem o seu objetivo, você já vê, já acompanha as crianças, é muito melhor do que você dar um livro já, que eles já começam a querer folhear o livro, leva pra casa começa a fazer coisa que você não mandou fazer, que ainda não ta na época”.
	Fernanda	“(…) O material ele tem uma receptividade boa, mas ele precisa ser apresentado pelo professor o tempo todo. Porque a criança hoje não valoriza tanto o material que vai ser manipulado por ele o tempo todo e o efeito eletrônico chama mais atenção da criança de hoje, em 2008”.
	Marina	“Muito boa. Muito boa, eles gostam muito. (...) a gente apresenta o material, eles depois apresentam eles mesmos, pra outros amigos, trabalham sozinhos...”
	Bruna	“(…) Sempre que eles se deparam com um material novo, assim é a sensação, por um bom tempo. Eles querem ficar muito tempo com aquele material, tentam explorar.”
Relevância	Flavia	“Ah eu acho que é primordial. Sem o material... contando com a questão da faixa etária que eu trabalho, que são crianças pequenas, que têm a concentração pequena, você tem que chamar atenção através dos materiais que a gente confecciona, é primordial”.
	Beatriz	“Eu acho que é mais vida pras crianças, entendeu? Eles vão utilizar coisas que são concretas, eles mesmo fizeram. O sentido, acaba dando um sentido pra eles, tá? Eu acho que é isso”.
	Juliana	“É mesmo aquela coisa, de tá adequando a realidade das crianças, da sala de aula (né?), meus alunos”.
	Fernanda	“(…) Se você tem um objeto, um material, que tá trabalhando ali o sentido visual, porque na verdade Montessori diz que quando o material propicia os três

		sentidos, a aprendizagem se dá melhor. Então ele é tátil, ele é visual e auditivo, pode ser auditivo, uma caixa de rumores. Então na verdade, quando você tá trabalhando, aguçando esses sentidos, você tem uma aprendizagem mais fácil, melhor, de significado, na verdade”.
	Marina	“(…) Eu acho que ele consolida mais o aprendizado porque não existe “decoreba”. Existe o aprendizado, né?”
	Bruna	“Eu acho que fica muito mais internalizado pra criança quando ela aprende através do material do que quando ela decora”.
Padronização	Flavia	“(…) Tem uns que a gente tem aquele padrão. Mas outros não a gente vai reformulando, porque cada turma tem um interesse (né?)”.
	Beatriz	“Bom, eu tenho algumas propostas, que eu já venho, uso bastante. Mas só que cada uma, a gente acaba não fazendo, não é igual, tá? Cada proposta, mesmo você propondo a turma a mesma coisa, a reação da turma é diferente, você vai por caminhos diferentes e de repente você faz, você propõe a mesma proposta, surgem outros instrumentos que você...que podem ser utilizados, entendeu?”
	Juliana	“Não porque, eu vou tirando coisas assim... eu pego coisas de revista em quadrinhos, que a gente trabalha também com questão de quadrinhos, de revistinha de passatempo, revistas do tipo da Recreio, coisas assim de jornal. Então eu vou pegando coisas variadas, então assim, não tem um modelo só, eu acho que não é padronizado”.
	Fernanda	“Ah sim. A gente tem, na verdade, o material montessoriano ele tem algumas qualidades, ele precisa ter algumas qualidades. Ele tem que ser claro, ele tem que ser bonito, harmonioso, ele tem que ser, é... a gente que isolar o estímulo, por exemplo, um material, ele não pode dar margem de dúvida”.
	Marina	“Não, tem. A orientadora pedagógica com os estudos dela e com nossos estudos, a gente vai vendo, quer dizer, por exemplo, um material desse aqui, pode ser que numa outra escola seja de madeira e tudo, mas é um material que a gente pega esse padrão montessoriano, de três cartões, (eu: então é um padrão montessori) é um padrão”.
	Bruna	“É tem um padrão, assim, quando a gente faz um trabalho de ficha, ela sempre tem uma metragem, a cor né? Porque cada material da linguagem, tem uma cor pra cada tipo de trabalho, então esses padrões a gente tem que seguir”.
Origem das representações pictóricas	Flavia	“É variado. A gente procura (né?) selecionar assim, tem muita revista que tá saindo agora (né?) que é sobre... é pro professor utilizar (...) Tem assim, educação infantil, então tem umas imagens bem legais, entendeu?”
	Beatriz	“É, tem vários lugares. Tem coisa que você pega de jornal, tem outras que você pega de revista, desenho da própria criança, né?”
	Juliana	“Às vezes eu tiro da internet, outras vezes eu tiro xerox mesmo de livros, de revistinhas, de passatempo”.
	Fernanda	“(…) em revista, por exemplo, catálogos, a gente vai tentando, de livros, até, vai tentando tirar, o mais nítido e o mais real possível, próximo da criança”
	Marina	“É uma pesquisa (eu: aí vocês imprimem? Também tira de revista). É. Da internet, depende”.
	Bruna	“Ela (orientadora pedagógica) tira da internet”
Qualidade das representações pictóricas	Flavia	“(…) Não, com certeza, tem que tá sempre olhando pra ver se está tudo direitinho e valorizar mais o trabalho todo (né?)”
	Beatriz	“(…) Por exemplo, a gente realmente, quando a faz esse negócio, essas coisas, essa parte de material de imagens, geralmente as crianças também trazem, né? Trazem com eles, nada que eu faço, eu trago pronto pra eles fazerem. (...) Aí a gente vai criando na hora. E... aí seleciona, quando dá pra usar a gente usa, quando não dá... Não pode porque tá pequeno, tá muito grande, entendeu?”
	Juliana	“(…) Porque às vezes, você assim, tem um material que tem muita coisa escrita e sobra pouco espaço pra figura, mas você quer botar uma figura, aí você vai botar uma menorzinha”
	Fernanda	“(…) Por exemplo, educação infantil, a imagem tem que ser o mais clara possível. A gente não bota muito estímulo, num bota uma cena muito rebuscada, porque a gente quer buscar um objetivo, porque a gente tá trabalhando aquele animal. (...) Então na verdade, existe uma preocupação, de acordo com aquela faixa etária, pra aquela gravura ser direcionada pra faixa etária que ela entenda... aquela imagem”.

Qualidade da tipografia	Marina	“Ah depende, a gente tem uma coisa muito... você já usou os materiais, você viu que a gente se preocupa muito na realidade, né? No tamanho, na proporção”.
	Bruna	“É, porque tem que ser uma coisa clara né? Tem que ficar claro pra eles, tem que ficar fácil a identificação, tem essa preocupação sim”.
	Flavia	“Quando a gente digita, fica uma coisa mais nítida, mais clara. Eu acho que é melhor, até por conta que a criança, quando ela é pequena, ela então tem que ver todos os detalhes, então a gente tem que ter um cuidado maior na hora de dar espaço duplo, na hora, tipo apresentar um texto?”
	Beatriz	“É, porque a gente usa, por exemplo, a gente usa muito a caixa alta, né? Até mesmo pra cartaz. Eu mostro pras crianças que quando você vai fazer um cartaz, vai fazer um... chamar a atenção de alguém pra alguma coisa, você tem que fazer uma letra que as pessoas entendam, tem que ser legível, né? Geralmente a caixa alta, acho que é até mais legível, porque nem toda letra cursiva é legível. (...) O tamanho também seja maior, porque escrevem pequenininho, apesar da gente mostrar um papel grande, aí tem que aumentar a letra”.
	Juliana	“Pra eles, nesse momento do primeiro ano é. Que é a letra de imprensa maiúscula”.
	Fernanda	“É. É, na verdade, a gente tenta fazer com que a criança, por exemplo, a criança... a gente tem o período anterior a alfabetização, nos cinco, seis anos, quando a criança já começa a ser alfabetizada desde pequena, pequena, olhando as letras e tudo mais. (...) Então na verdade a gente tenta ser coerente, tentar pegar uma letra que a criança entenda, mas nada impede da gente apresentar uma outra letra pra ela”.
	Marina	“(...) Dá uma passagem legal, ainda mais no primeiro ano”.
	Bruna	“(...) Assim é a letra mais próxima da que a gente usa, né? Então fica fácil, assim. A gente tem até materiais que a gente faz a mão mesmo, às vezes tem umas coisas que a gente usa a mão, mas essa tá próxima né?”
Cor	Flavia	“Ah eu acho que é assim, é muito importante porque atrai né? O colorido te chama a atenção”.
	Beatriz	“Acho que dá mais vida, né? Fica mais, assim, mais vivo, mais, mais alegre, né?”
	Juliana	“Ah eu gosto de coisa colorida e acho que criança também gosta. (...) Eu gosto mesmo de tá variando mesmo. Colorido atraindo mais”.
	Fernanda	“Ah, então, a cor no caso ela vai fazer relações daquele objetivo. A cor tem a ver com harmonia, a cor tem a ver com o mundo, que é todo colorido, a cor vai passar uma mensagem. Se for branco passa uma mensagem, se for vermelho passa outra mensagem. Por exemplo, a gente tem um material de animal, todo material de animal tem uma frisa, tem um fundo vermelho, porque já foi, já foi pré-determinado pelo método, entendeu?”
	Marina	“Acho, lógico. A cor é tudo né? (...) Eu acho muito importante, em tudo, nas imagens, no material, na sala...”
	Bruna	“Ah eu acho que é tudo né? Porque criança nenhuma gosta de nada preto e branco. Eu acho que até a gente né? Fica uma coisa desinteressante, eu acho. Tudo que tem cor, tem vida pra eles, aí atrai mais”.
Papel	Flavia	“Geralmente trabalha com cartolina, papel quarenta quilo, né? Tem que ser um material que facilite (né?), na hora de você desenhar e tudo né?”
	Beatriz	“É, eu procuro, quando eu vou montar um cartaz, dependendo da onde eu vou colocar esse cartaz, eu procuro ver o papel, se papel pardo fica melhor, se papel quarenta quilos fica melhor, se é cartolina colorida também entendeu?”
	Juliana	“(...) Tem coisas assim que eu prefiro usar o papel pardo, assim em determinado cartaz, determinado material, outro papel 40kg, outro a cartolina...”
	Fernanda	“(...) A gente tenta fazer com o que o papel... eu o que eu digo, aqueles papéis... Primeiro que a criança tem que trabalhar com diferentes papéis, é o que a gente acha, entendeu? (...) Então eu acho que assim, o papel, o papel em si, tem um papel (risos) muito importante pra gente, no sentido da criança... Como a gente vai um trabalho sensorial, de essência, a criança tem que sentir, então ela tem que ver as texturas, eu não sei muito bem, é... textura do papel, se ele é mais fino, se ele é mais grosso, pra quê que ele serve”.
	Marina	“É, tem essa preocupação, tem. Só que eles são plastificados, esse papel, nem

		sei, é papel comum da professora Fernanda, mas a gente plastifica pra ter uma durabilidade”.
	Bruna	“O cuidado de usar só, assim, é o manuseio, né?”
Pesquisa sobre matéria-prima	Flavia	“(…) Mas no geral, a gente não pesquisa muito não. Porque eles passam a idéia fechada, de aproveitar o material que eles mesmos mandam na lista de materiais (né?)”
	Beatriz	“Não, eu trabalho com o material que eu tenho na sala”
	Juliana	“Normalmente não”.
	Fernanda	“Na verdade, assim, desde cedo que a gente faz com que a criança entenda a origem de tudo, né? A origem do alimento, a origem do papel. (...) Então a gente tenta fazer isso. As crianças menores não entendem muito bem, mas os maiores sim, tem entendimento e a gente tenta mostrar pra eles de onde vem cada material”
	Marina	“É a gente se encontra, pra gente ver o que a gente vai precisar usar, como vai fazer. (...) Então sempre há uma pesquisa”.
	Bruna	“Olha, em relação ao papel acho que não. A gente tem um padrão também de papel que é o color set. Agora em relação aos materiais isso depende. (...) então eu acho que vai de acordo com o material que você vai fazer”.
Embasamento teórico em Design	Flavia	“Não Luciana, não. Pelo contrário, eu acho que a gente, eu no caso (né?), aprendo muito com o próprio pessoal da onde a gente trabalha, por onde a gente passa (né?), onde a gente vai”.
	Beatriz	“Eu sou sincera, uso mais a intuição. Vou fazendo conforme a criatividade da criança, vou criando na hora, vai surgindo idéias, a gente vai entrando no clima (...)”
	Juliana	“Não”.
	Fernanda	“Não, não. (...) Mas eu acho que indiretamente existe uma preocupação, com o visual do material, com... como eu posso... com o objetivo daquele material, com a forma de apresentação dele, entendeu?”
	Marina	“É pela experiência montessori e como eu estudei publicidade, aí eu já tenho mais um (eu: você está mais inserida nisso. Mas assim, por exemplo, quando vocês estudam, fazem um dos cursos montessori, eles não chegam a indicar uma bibliografia, uma coisa visual?) Não, não. Olha, pra te falar a verdade, atualmente eu não sei, porque eu não tenho participado desses cursos. (eu: mas os que você fez?). Os que eu fui, que eu fiz, não”.
	Bruna	“Não, eu acho que não”.
Importância do designer	Flavia	“Acho que quanto mais profissionais nessa área (né?) da Educação, seria uma situação interessante. Até por conta de que, a escola fica bem mais valorizada se tiver (né?) o profissional também nessa área e vai ajudar mais ainda a gente (né?) pra gente de repente, ter esses outros encaminhamentos (né?) de como poderia trabalhar, outras possibilidades”.
	Beatriz	“Acho que... é porque... é a preocupação que eu não tenho, que é com a estética, né? (...) Eu não tenho, de repente pra esse lado, né?”
	Juliana	“(…) Se tivesse seria maravilhoso, justamente nessa parte, que a gente não faz a pesquisa sobre material, até porque a gente não tem conhecimento (não é?)”.
	Fernanda	“(…) E eu acho que com o trabalho que vocês fazem (né?), com o que vocês aprendem, com o que vocês... a experiência que vocês trazem pro magistério é importantíssima. Porque eu acho que Pedagogia, aliada ao Design ia fazer com que a criança lucrasse mais com isso. Ela ia ter um entendimento científico. A gente com a parte pedagógica, com o caminho e vocês com... na confecção do material”.
	Marina	“Olha, nunca pensei nisso, nunca pensei. Não tem nem o que te responder. (eu: você tem o conhecimento do trabalho do designer?) Pois é, assim, quanto ao trabalho do designer, isso eu ia te perguntar, o quê você faria dentro de uma escola?”
	Bruna	“Nossa eu acho que ia ser muito interessante né? Porque a gente não tem muitas teorias que ajudariam nessa busca do belo, da harmonia, assim a gente às vezes faz por achar que fica legal, mas...”
Importância	Flavia	“É importante sim, porque teria outras propostas, umas coisas novas que a gente ia aprender também (né?). De repente a arrumação do cartaz (né?), ou uma

da ação conjunta Pedagogia (Educação) -Design		questão de um jogo novo, de outra maneira, que seria de repente até pra economizar material ou criar outras coisas, de outra maneira. Acho que seria interessante sim”.
	Beatriz	“(…) Ia ficar um trabalho bem melhor, entendeu? Bem mais, bem mais aprimorado, né? Mais assim, mais esteticamente correto, né? Não sei...”
	Juliana	“(…) Era tudo que a gente queria”.
	Fernanda	“Muito importante, muito importante, muito importante. (...) Muito interessante. Eu acho que toda escola tinha que ter, tinha que ter um designer aqui”.
	Marina	“(…) Acho que seria interessante, né? Até porque eu nunca tive essa experiência, de ter um designer trabalhando numa escola. Apesar desses anos todos”.
	Bruna	“Eu acho que sim, porque assim a gente se preocuparia com a parte pedagógica né? E essa questão da harmonia, do preparo, que é importante aqui no método, seria muito mais fácil vocês como designers captar isso e construir”.

Tabela 4 – Categorização das respostas obtidas na segunda entrevista

No capítulo a seguir, estão expostas as percepções conclusões a partir dos dados levantados na pesquisa de campo.